



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura



Estudos

Texto de autoras convidadas. Recebido em: 30 mar. 2023. Aprovado em: 17 abr. 2023.

NASCIMENTO, Emanuele Cristina Santos do; SOUZA, Ana Paula Abrahamian. O ser negro nas representações midiáticas: um debate de construções de identidades. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 40, n. 1, p. 87-108, jan./jun. 2023.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2023.258232>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição 4.0 Internacional.

O ser negro nas representações midiáticas: um debate de construções de identidades

Being black in media representations: a debate on identity constructions

Emanuele Cristina Santos do Nascimento

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Mestre em Educação, Culturas e Identidades

E-mail: emanuele.cristina1@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2234-9970>

 <http://lattes.cnpq.br/1847388247135540>

Ana Paula Abrahamian de Souza

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Doutora em Educação

E-mail: apabrahamian@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4321-3458>

 <http://lattes.cnpq.br/5944309643014109>

Resumo

Este trabalho examina, a partir do conceito de representação e da análise do discurso, como as identidades raciais dos sujeitos são construídas por processos culturais de construção de significados. Compreendemos, neste estudo, a representação como uma construção cultural que interfere diretamente nas identidades individuais e coletivas, dizendo-nos quem somos no mundo. Nesse sentido, destacamos como as mídias atuam na vida dos sujeitos ao “ensinar” modos de ser que tomam como base valores racistas. É nesse sentido que identificamos a atuação das mídias na exaltação, por exemplo, de estereótipos raciais que representam o “outro” com características negativas.

Palavras-chave: Racismo. Representações. Mídia.

Abstract

This paper examines, based on the concept of representation and on discourse analysis, how the racial identities of individuals are constructed by cultural processes of meaning construction. In this study, we define representation as a cultural construction that directly interferes in individual and collective identities, telling us who we are in the world. In this sense, we highlight how the media acts in the lives of individuals by “teaching” ways of being which are based on racist values. It is in this sense that we identify media’s role in exalting, for example, racial stereotypes that represent the “other” with negative characteristics.

Keywords: Racism. Representations. Media.

Das representações às identidades

O conceito de representação surge, neste estudo, como um elemento-chave para ressaltar que buscamos, por meio da análise do discurso de peças midiáticas, identificar como essas representações produzem identidades negras. Assim, utilizamos a noção de representação, destacando que ela está estreitamente ligada aos processos de construção de identidades. Cabe destacar que desenvolvemos este estudo a partir das contribuições da abordagem discursiva, ou seja, a partir de uma abordagem que não está preocupada apenas com as maneiras pelas quais a linguagem e a representação produzem sentido, mas com o que é produzido por discursos que se relacionam com o poder, atuando, inclusive, na construção de identidades e subjetividades.

A representação, para Stuart Hall, seria traduzida como aquilo que liga as coisas, os conceitos e os signos, estando ela no centro da produção do sentido na linguagem. Assim, a representação é entendida como “[...] a produção do sentido pela linguagem” (HALL, 2016,

p. 53). Hall (2016) também nos ajuda a compreender, a partir das contribuições de Michel Foucault, que o discurso é uma representação construída culturalmente pela realidade, na qual ele constrói tanto os sujeitos como as identidades. Desse modo, somos construídos pelo discurso. Sobre esse processo de construção de identidades, cabe salientar que, se o discurso orienta a forma que os sujeitos devem ou não agir, essas identidades se constituem, então, na contraposição a outro discurso.

Dito isso, conclui-se que os sujeitos são produzidos no discurso e encontram-se dentro dele a partir do momento que estão subordinados às regras e aos acordos sociais, assim como “[...] às suas disposições de poder/conhecimento” (HALL, 2016, p. 99). O que pode acontecer é esse sujeito tornar-se portador desse conhecimento produzido pelo discurso, determinando a posição que será ocupada por ele, mas, mesmo assim, o sujeito sempre estará dentro do discurso.

Assim, dois pontos são centrais para compreender a constituição do sujeito: 1) o discurso produz o sujeito; 2) esse discurso produz, também, um lugar para esse sujeito, ou seja, “todos os discursos, assim, constroem posições de sujeito [...]” (HALL, 2016, p. 100). Segundo Hall (2016), as contribuições de Foucault para a teoria da representação são importantes, pois elas sinalizam que os discursos lançam as posições de sujeito em que eles produzem efeitos.

Nessa discussão, uma categoria que ganha destaque é a de *identidade*. Aqui, gostaríamos de chamar atenção para o fato de que ela não deve ser compreendida como algo natural ao sujeito, “[...] mas como um conceito estratégico e posicional” (VEIGA-NETO, 2007, p. 61). Assim, nas palavras de Stuart Hall, usamos o termo *identidade* para nos referir ao

[...] ponto de sutura entre, de um lado, os discursos e práticas que tentam nos “interpelar”, dirigir-se a nós ou nos aclamar como sujeitos sociais de discursos particulares, e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, processos que nos constroem como sujeitos que podem ser nomeados. Assim, identidades são pontos temporários de ligação a posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 1996, p. 5-6).

As identidades envolvem a subjetividade, abarcando a noção do “quem sou?”, “o que me define?”. Porém, essa subjetividade, como já sinalizado, é construída a partir dos significados que a cultura dá às experiências que temos de nós e às nossas identidades. Ou seja: a discussão sobre identidades abrange a compreensão de que “a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (WOODWARD, 2000, p. 17).

No debate sobre identidades, Hall (2005) defende que, se a cultura interfere de maneira direta em todos os setores da vida dos sujeitos, estes têm uma diversidade de possibilidades quando se fala em identidades. Assim, ele trabalha com a noção de identidades culturais/nacionais, que, vale lembrar, “[...] não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2005, p. 48). Para Hall, é nas culturas nacionais que estão os símbolos e as representações, e elas “[...] ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 2005, p. 51).

Kathryn Woodward, outra autora representante dos Estudos Culturais, ao trabalhar a temática da identidade, também a abor-

dou em paralelo com a representação. Desse modo, sendo ela um processo cultural, a autora destaca que

pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído (WOODWARD, 2000, p. 18).

Além de ressaltar que a identidade só tem sentido por meio da linguagem e dos símbolos, Woodward afirma que ela é marcada pela diferença, porém, que não podemos esquecer que “a diferença é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2000, p. 9). Dessa forma, essa abordagem sobre a identidade requer que consideremos, como central à sua constituição, as desigualdades e as exclusões vivenciadas pelos sujeitos, ou seja, as situações de conflito, discriminações e opressões que estruturam a construção identitária.

Representação e diferença: o debate racial

Na discussão sobre representação, Stuart Hall (2016) nos traz grandes contribuições sobre a estereotipagem, que se trata, para ele, de um conjunto de práticas de representação, que fixam no “outro”, a partir de sua raça e etnicidade, uma série de características negativas. Assim, o estudioso questiona se as representações sobre as diferenças e as alteridades mudaram em algum sentido ou se permanecem repletas de estereótipos. Para responder essa questão, Hall realiza uma análise extensa de várias figuras, apresentando uma série de conceitos e elementos centrais sobre esse debate, dos

quais, entre eles, destacam-se, além dos próprios conceitos de estereótipo e representação, as noções de racialização, de diferença, de fetichismo, dentre outras.

Sem dúvidas, Stuart Hall nos trouxe grandes contribuições para compreendermos o sentido da representação e para articularmos seu conceito com a discussão racial, trazendo elementos centrais para o debate, como é o caso da estereotipagem. Ao destacar que a representação é uma prática de produção de significados, o autor aponta que a mesma imagem pode carregar vários significados diferentes. A questão central a ser respondida é: qual desses muitos significados essa imagem quer privilegiar? Nesse sentido, Hall afirma que o significado da imagem não está necessariamente nela, mas na sua união com o texto, ou seja, é necessária a aliança entre o discurso escrito e o pictórico “[...] para produzir e ‘fixar’ o significado” (HALL, 2016, p. 144).

Ao trazer o tema da diferença, Stuart Hall aponta que as imagens produzidas têm a intenção de passar alguma mensagem a respeito do mito sobre a raça, sobre a alteridade, sobre o “outro”. Assim, ao se articularem, as imagens trazem seus significados a partir de uma variedade de outras figuras, em textos e mídias. Cabe destacar que

[...] em um sentido mais amplo sobre como a “diferença” e a “alteridade” são representadas em uma determinada cultura, num momento qualquer, podemos ver práticas e figuras representacionais semelhantes sendo repetidas, com variações, de um texto ou local de representação para outro (HALL, 2016, p. 150).

O que Hall defende é que existe uma acumulação de significados nos diferentes textos, o que ele chama de intertextualidade, e que toda representação da diferença compõe o que podemos chamar

de “regime de representação”. Assim, a partir dessa perspectiva, a imagem funcionaria pela marcação dessa diferença, em que o “outro”, o “diferente”, é o negro.

Hall explica que, dentre as principais abordagens sobre a diferença, destacam-se a da linguística, a do campo social, cultural e psíquico. Desse modo, ressaltamos que, sobre a análise linguística, Hall traz que a diferença representa uma categoria central para o estabelecimento de uma relação entre os opostos, ou seja, branco/negro, feminino/masculino, brasileiro/estrangeiro. Entretanto, Hall (2016) defende que, embora essa posição binária tenha seu valor, ela é uma forma reducionista de ver o mundo, visto que, além dela, existem outras categorias.

Nessa mesma abordagem, chama-nos a atenção o que o filósofo Jacques Derrida defende, ou seja, o conceito de que, nas relações binárias, haveria sempre relações de poder estabelecidas, sobre as quais sempre deveríamos escrever: “[...] **branco/preto, homens/mulheres, masculino/feminino, classe alta/classe baixa, britânicos/estrangeiros** para capturar essa dimensão de poder do discurso” (HALL, 2016, p. 155, grifos do autor). A partir dessa perspectiva, o “outro” é elemento-chave para o significado.

Hall (2016) apresenta o debate racial no interior da representação, chamando atenção ao fato do racismo ser um bem comercial, por meio do qual as imagens sobre a diferença racial permearam a cultura popular britânica. Nessa apresentação, Hall alerta que a publicidade alavancou esse processo de tornar as imagens da diferença o “espetáculo do outro”.

Como exemplo, trazemos uma análise realizada pelo autor, que é bastante representativa. Ela diz respeito aos anúncios da marca de sabão *Pears* (datada do século XIX), em que Hall aponta que o

sabão representa um símbolo da “limpeza racial”, pois “por sua capacidade de limpar e purificar, o sabão adquiriu, no mundo de fantasia da publicidade imperial, a qualidade de um objeto de fetiche” (HALL, 2016, p. 166). Dessa forma, ele seria capaz de “retirar as impurezas da raça negra”.

Sendo assim, esses anúncios têm o poder de fixar no “outro”, mediante o discurso da diferença, características negativas, por meio das quais, por exemplo, esses sujeitos são retratados como sujos, carentes de um “eu” branco para lhes ensinar noções de higiene, como sinaliza o texto escrito do anúncio do sabão *Pears*, que, em síntese, diz que o fardo do homem branco é ter que ensinar noções de higiene para as outras raças. Observemos, então, as imagens trazidas por Stuart Hall na obra *Cultura e representação*:



Figura 1. Anúncios do sabão *Pears*.

Fonte: Hall, 2016, p. 165.

Ao realizarmos a leitura dessa e de outras análises feitas por Hall (2016), podemos observar a maneira pela qual os estereótipos raciais se constituem como práticas representacionais. Embora a proposta desta seção do estudo seja apresentar quais foram as contribuições teóricas para a realização deste trabalho, trouxemos, já aqui, um breve exemplo de como o discurso midiático permanece racializado¹.

Assim, analisemos a figura 2 e vejamos se ela pode ser considerada uma releitura do discurso passado, dos anúncios de sabão do século XIX, sobre a higienização racial, passando a mensagem de que, em síntese, após o uso do sabonete, a mulher negra torna-se branca.

Consideremos, então, que estes anúncios foram produzidos no ano de 2017, pela marca Dove.



Figura 2. Anúncio da Dove (2017).

Fonte: Jornal do Comércio, 2017.

1. Neste estudo, o conceito de racialização é utilizado para fazer referência à forma como as diferentes raças são socialmente identificadas.

Retornemos, então, a Stuart Hall (2016), o qual pontua que o discurso racializado se estrutura a partir de oposições binárias. Dessa forma, percebe-se o imaginário de que os negros estavam fixados na natureza, como algo primitivo, enquanto que os brancos estavam localizados na cultura, sendo ela algo repleto de civilidade. Hall traz a noção, inclusive, de que, segundo essa visão, a felicidade de um negro precisava ser tutelada por um branco, pois era nessa figura branca que a racionalidade estava presente.

Assim, o corpo negro está racializado, sendo possível observar os significados disso nas representações da diferença de alteridade: “A representação da ‘diferença’ através do corpo tornou-se o campo discursivo através do qual muito deste ‘conhecimento racializado’ foi produzido e divulgado” (HALL, 2016, p. 169).

Aqui cabe a pergunta: quais significados são atribuídos à diferença racial? Hall traz que as representações populares da diferença racial, durante a escravidão, tinham foco em dois aspectos, sendo eles: uma grande “preguiça” dos negros e o primitivismo, ou seja, ausência de “cultura”. Observamos que, quando fixamos essas características sobre um grupo, estamos em um exercício de naturalização da diferença.

A naturalização da diferença foi uma estratégia bastante utilizada pelas representações racializadas e a sua operacionalização é bem simples: ela afirma que, se as diferenças entre negros e brancos fossem culturais, era possível haver uma alteração dessa realidade, mas, como estamos lidando com algo que é “natural”, não é possível alteração. Ou seja: a partir da naturalização da diferença, há a fixação da diferença.

É nesse processo que há uma redução dos negros à “sua essência” – ou ao que acreditavam que seria essa “essência”. Os negros

são representados a partir da preguiça, da malandragem e da fidelidade, como figuras de entretenimento e de certa infantilidade (HALL, 2016). Afirma Stuart Hall: “Para o escravo de joelhos não havia mais nada, *senão* sua servidão; nada de pai Tomás, *exceto* sua tolerância cristã; nada para Mammy, *exceto* sua fidelidade à casa dos brancos e aquilo que Fanon chamou de ‘*sho nuff good cooking*’, a comida deliciosa que ela preparava” (HALL, 2016, p. 173).

Esses estereótipos são fortes nas representações da masculinidade negra no Brasil, que segundo Rolf Ribeiro de Souza,

[...] criaram personagens muito populares no Brasil, como o *Neguinho*, que é um homem submisso, sem vontade própria, totalmente devoto aos desejos, inclusive, e mais importante, aos desejos sexuais, um tipo de escravo, dependente mental e psicologicamente das decisões dos brancos (Carvalho, 1996:5). Além da fala infantilizada e da predileção pela bebida alcoólica, sua relação com a mulher branca é totalmente assexuada, em geral, servindo também de moleque de recado. Na Literatura, Monteiro Lobato criou o Tio Barnabé, mas, na TV, essas representações ganharam popularidade através de seus programas humorísticos, que imortalizaram alguns comediantes por encarnarem tais personagens. Uma outra representação é a do *Negão*, oposto do *Neguinho*. Na sua preocupação com a virilidade, ele seria fisicamente forte e dotado de uma excepcional capacidade sexual. Ele é uma ameaça ao homem branco por seu apetite sexual insaciável e pela sua diabólica sensualidade, irresistível para a mulher branca. Esse mito do homem negro hipersexualizado é veiculado exaustivamente pela TV. [...] Temos ainda o fiel escudeiro de homens e mulheres brancos, um híbrido dessas duas representações, pois ele tem os atributos físicos do *Negão*, mas é submisso e assexuado como tio Barnabé. Embora pouco visível, essa representação é quase onipresente, pois ela está sempre atrás de homens e mulheres brancos, protegendo-os até mesmo de outros negros, sendo aquele que faz o trabalho sujo, estando disposto,

inclusive, a sacrificar sua própria vida pelos seus chefes e senhores (SOUZA, 2009, p. 104-106, grifos do autor).

A partir do que Hall (2016) e Souza (2009) trazem, observa-se que a estereotipagem trabalha na redução do sujeito a características que o aproxima da “natureza”, da qual, inclusive, os aspectos físicos são utilizados para reduzi-los a esses estereótipos. Hall afirma existir um “regime racializado da representação” (HALL, 2016, p. 175), apontando que, mesmo quando os negros não eram representados pela marcação da diferença, eram representados como dependentes dos brancos, como se eles fossem seus benfeitores. O que ocorre é um processo de substituição de estereótipos: se antes o negro era representado como selvagem, agora ele passa a ser o “ser de bondade eterna”.

Hall (2016) nos apresenta, então, ao estudo de Donald Bogle (1973), que identifica cinco principais estereótipos que permeiam as representações sobre negros e negras, sendo eles: o do “Pai Tomás”, que representa os “bons negros”, fiéis, submissos, que nunca se rebelam contra brancos; o do “Malandro”, que é o animador de comédia tipo pastelão: mentiroso, preguiçoso, ladrão, dentre outras características negativas; o da “Mulata trágica”, que representa a mulher como sendo o resultado de uma mistura racial, cujas principais características estão atreladas ao seu corpo, à sua beleza, à sedução e ao poder sexual, entretanto, mesmo essa mulher sendo bastante atraente, o fato de estar “suja pelo sangue negro” “a condena a um final trágico” (HALL, 2016, p. 177); o das “Mães pretas”, que seriam o oposto da “mulata trágica”, sendo a representação de mulheres de extrema serventia à alguma família branca, apresentando-se como gorda e doméstica. No Brasil temos

um exemplo clássico de “mãe preta”, que vem da obra de Monteiro Lobato, a “Tia Nastácia”. Por fim, está o “Mal-encarado”, que representa homens “fisicamente grandes, fortes, imprestáveis, violentos, renegados, ‘agressivos e cheios de fúria negra’, ‘supersexualizados e selvagens, violentos e frenéticos, pois desejam a carne branca’” (BOGLE, 1973, p. 10 *apud* HALL, 2016, p. 178).

Gostaríamos de adicionar a essa lista mais três estereótipos, destacados por Lázaro Ramos (2017) em seu livro *Na minha pele*, que seriam: o “Escravo”; o “Negro ‘perfeito’”, termo inventado por Joel Zito de Araújo para designar o negro que se afasta de sua origem e se torna, assim, mais aceitável aos olhos dos brancos; e, por último, temos uma representação bastante comum nas telenovelas brasileiras, a do “Negro ‘escada’”, que “[...] só está lá para mostrar como o personagem branco é bom, ou mau, ou mais importante que ele” (RAMOS, 2017, p. 84).

Ao adentrar na análise acerca da operacionalização da estereotipagem, Hall (2016) nos explica que é a partir da abordagem sobre esse conjunto de práticas representacionais que é possível analisar como funciona o regime de representação. Ele aponta que, além de observar a sua capacidade de fixar as pessoas em características negativas, a estereotipagem deve ser analisada a partir de quatro aspectos: “(a) a construção da ‘alteridade’ e exclusão; (b) estereótipo e poder; (c) o papel da fantasia; (d) o fetichismo” (HALL, 2016, p. 190).

Ele defende que a estereotipagem produz significados, e assim, se essa prática representacional recai sobre os negros, ela é central para se pensar no debate sobre diferença racial e construção de identidades. Em síntese, o processo de estereotipagem acontece da seguinte maneira: ela reduz, essencializa, naturaliza e finaliza com a fixação da diferença (HALL, 2016). Além disso, ela divide os

sujeitos em dois polos: o que é “normal” e o que deve ser excluído, rejeitado. “A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica” (HALL, 2016, p. 192). Assim, ela serve para fixar quem é a regra e quem destoa do padrão desejável.

Porém, vale destacar que, como ocorre em nossa sociedade, a estereotipagem só ganha força se houver desigualdades de poder, ou seja, se tivermos um polo dominante e um “outro” a ser classificado, um “outro” que ocupa a condição de exclusão. Podemos, então, por meio dela, observar um diálogo entre a representação, a diferença e o poder, pelo qual o poder, que vem da representação estereotipada, pode ser caracterizado como um ato de violência (HALL, 2016).

Ainda na discussão sobre representação e estereotipagem, Hall recorre a Michel Foucault e afirma que a sua tese sobre poder/reconhecimento contribui nos seguintes aspectos: “o *discurso* produz, através de diferentes práticas de *representação* (bolsas de estudos, exposições, literatura, pintura etc.), uma forma de *conhecimento racializado do Outro* (orientalismo), profundamente envolvida nas operações de *poder* (imperialismo)” (HALL, 2016, p. 195, grifos do autor). A partir dessas representações, os negros ficam presos em uma “*estrutura binária* do estereótipo” (HALL, 2016, p. 200), que se resume, por exemplo, a representações infantilizadas e hipersexualizadas.

Por fim, mas não menos importante, Hall articula a questão dos estereótipos com o fetichismo. Sobre o exercício do fetiche, cabe pontuar que essa prática transforma o sujeito em objeto, ou seja, reifica-o, além de haver um desmembramento do seu corpo, pois o fetiche está sobre as partes do corpo do sujeito. O fetichismo nos põe no campo do proibido, da fantasia e da curiosidade. Assim, o fetiche habita naquilo que não pode ser mostrado.

O falo, por exemplo, não pode ser exibido graficamente, já que representa um tabu, ocorrendo, então, o que Hall (2016) chama de deslocamento, processo pelo qual se transfere o desejo pelo falo para outra parte do corpo ou algum objeto que o substitua. Assim, o fetichismo trabalha com a rejeição, ou seja: ao mesmo tempo que um desejo é satisfeito, ele é negado. Disse Stuart Hall (2016, p. 207): “No entanto, é também a forma pela qual aquilo que é considerado tabu consegue encontrar uma forma deslocada de representação”. Como retrato dessa questão, analisemos a figura 3:



Figura 3. Ensaio Fotográfico “Fashion Porn” (2009).

Fonte: Glamurama, c2023.

O ensaio fotográfico, ao retratar uma mulher branca tendo seu corpo “invadido” por corpos negros, leva-nos para um campo proibido, residindo aí o fetiche. Em síntese, poderíamos afirmar que o

fetichismo é uma estratégia poderosa que, ao mesmo tempo que representa, atua na negação dessa representação, pois se encontra no campo do proibido. Assim ocorre com o homem negro, que é representado, a partir de um olhar fetichizado, como seu pênis e reduzido a ele, ou melhor, ao tamanho dele e ao prazer que pode proporcionar, ao mesmo tempo que este também representa um risco à integridade de mulheres brancas, à ordem e à civilidade.

Para exemplificar a representatividade do pênis sobre o homem negro, uma figura representativa é o ator pornô “Kid Bengala”. Embora não estejamos falando de um ator de telenovelas, esse sujeito, que é um dos atores pornô mais conhecidos na cena nacional, reflete bem o imaginário de reificação do corpo do homem negro.

Em reportagem produzida pelo programa *A Liga*, da rede de TV Bandeirantes, sobre a indústria pornográfica, o ator, em entrevista à Mariana Weickert (mulher branca e loira), insistiu em se autoafirmar a partir de sua força sexual, destacando o tamanho e largura de seu pênis. Ela, por sinal, mostrou-se surpresa, assustada e curiosa em poder conhecer essa “máquina de fazer sexo”.



Figura 4. Mariana Weickert impressionada com o tamanho do pênis de Kid Bengala.
Fonte: O Fuxico, 2013.

A pedido de “Kid Bengala”, Mariana acompanhou as filmagens de uma cena de sexo protagonizada pelo ator e pela atriz pornô Patrícia Kimberly (mulher branca e loira). Vale destacar que, antes da cena começar, o ator precisou de cerca de uma hora para ir à farmácia comprar e ingerir estimulantes sexuais, fato esse que contradiz o discurso do ator, que insistiu em afirmar que sua virilidade era “natural”, não necessitando de estimulantes.

O que nos chama a atenção nessa reportagem é que, durante a gravação da cena de sexo, o ator intimidou, em vários momentos, a repórter, mostrando-se nas palavras dela, “um homem provocativo e agressivo”, tanto com ela quanto com o resto da equipe. Essa cena, além de ressaltar o tamanho do pênis desse homem, colocou-o, por outro lado, na figura do “negro estuprador”, já que ele, por toda a gravação, deixou transparecer seu desejo em manter relações sexuais com a apresentadora.

O falo representa poder, sendo isso o que o homem negro não possui. Ele é apenas operador de sedução, fascinador de homens e mulheres (BIRMAN, 2001). No caso dos homens negros, eles possuem apenas um pênis, que, durante o período em que eles são ativos, sexualmente falando, é o representante principal de sua masculinidade.

A escritora bell hooks, em seu texto *Penis Passion*, vai além e aponta que ver o pênis como instrumento de força é danoso para homens e mulheres. Ela destaca como esse órgão está atrelado a questões de poder e subordinação. Para hooks, é necessário que haja uma ressignificação sobre a forma de se ver o pênis, com o objetivo de libertar tanto homens quanto mulheres. Nesse sentido, ela defende: “Mudar como nós falamos sobre o pênis é uma pode-

rosa intervenção que pode desafiar o pensamento patriarcal” (HOOKS, 1999, n. p).

O negro, segundo Fanon (2008), é percebido como um símbolo fálico: seu pênis, que é representativo de sua virilidade, também simboliza sua animalidade. O processo de negação da humanidade do homem racializado aponta, inclusive, para a aniquilação de suas capacidades intelectuais. O autor explica:

Qualquer aquisição intelectual exige uma perda do potencial sexual. O branco civilizado conserva a nostalgia irracional de épocas extraordinárias de permissividade sexual, cenas orgásticas, estupros não sancionados, incestos não reprimidos. Essas fantasias, em certo sentido, respondem ao conceito de instinto vital de Freud. Projetando suas intenções no preto, o branco se comporta “como se” o preto as tivesse realmente. [...] O preto é fixado no genital, ou pelo menos aí foi fixado. Dois domínios: o intelectual e o sexual. O pensador de Rodin em ereção, eis uma imagem que chocaria. Não se pode, decentemente, “bancar o durão” toda hora. O preto representa o perigo biológico (FANON, 2008, p. 143).

Se o preto é apenas o biológico, afirma Fanon (2008, p. 143), ele “é um animal. Vive nu”. O autor expõe que se estabelece um ideário ocidental no qual o negro está associado ao biológico, ou seja, à natureza. Ele não possuiria racionalidade, e sim seu corpo, especificamente seu órgão genital: “[...] não mais se percebe o preto, mas um membro: o negro foi eclipsado. Virado membro. Ele é pênis” (FANON, 2008, p. 146). Tal afirmativa aponta para o risco da construção de masculinidades negras reduzidas ao pênis e ao desempenho desse órgão, pois este, falhando sua existência, deixa de fazer sentido.

Conclusão

As análises dos materiais apresentados durante o estudo nos mostram que, na mídia hegemônica, o negro é o “outro”, ele *tem* que ser representado como o outro. Assim, se o negro é o “outro”, então existe uma referência branca que é seguida. Segundo isso, está na essência da pessoa negra, por exemplo, ser malandra, hipersexualizada, suja e preguiçosa. As representações nos apresentam que temos um processo visível de naturalização da diferença, que não poderia ser quebrado, pois estaria no campo do natural e não do cultural, não podendo ser alterado. Assim, negros e negras são reduzidos, a partir dessas representações, às características que os aproximam do dito âmbito “natural”.

Assim, afirmamos que a mídia não está meramente disposta para nos entreter. Ela participa ativamente dos nossos processos educacionais, ou seja, nos constituímos como homens, mulheres, mães e filhos também pelo que aprendemos com o que vemos nas produções midiáticas.

Com base nessas afirmativas, por fim, cabe apontar que corroboramos com Angela Davis (2016) quando ela pontua que a representação é fundamental para a população negra, que se encontra em posição de desvantagem nos espaços de poder, porém, como Davis também alerta, não é suficiente ocupar esses espaços sem romper com as lógicas opressoras.

É nesse sentido que o espaço midiático se torna um espaço de poder negado à população negra de diversas maneiras, inclusive a partir de suas representações, como citamos acima. É a partir da interdição desse espaço que surgem as chamadas *mídias de resistência*, nas quais, pautadas numa discursividade antirracista, os sujeitos constroem novas representações.

Referências

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GLAMURAMA. Novo ensaio com Gisele mostra a modelo em poses semi-eróticas. *Glamurama*, [S.l.], 2023. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/pele-21333/>. Acesso em: 8 maio 2023.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Who needs identity? In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (ed.). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage, 1996.

HOOKS, bell. Penis Passion. *Lion's Roar*, Escondido, EUA, 1999. Disponível em: <http://www.lionsroar.com/penis-passion>. Acesso em: 1 nov. 2017.

JORNAL DO COMÉRCIO. Dove pede desculpas por propaganda acusada de racismo. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 2017. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/10/economia/589920-dove-pede-desculpas-por-propaganda-acusada-de-racismo.html. Acesso em: 8 maio 2023.

OFUXICO. Sem esquecer da moda, Mariana Weickert despe-se de vaidades em A Liga. *OFuxico*, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.ofuxico.com.br/noticias/sem-esquecer-da-moda-mariana-weickert-despe-se-de-vaidades-em-a-liga/>. Acesso em: 8 maio 2023.

RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. *Revista Fórum Identidades*, São Cristóvão, ano 3, v. 6, p. 97-115, jul./dez. 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tadeu Tomaz da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.